

VARIAÇÃO FONOLÓGICA NA LIBRAS: UM ESTUDO DA ALTERNÂNCIA NO NÚMERO DE ARTICULADORES MANUAIS ENVOLVIDOS NA PRODUÇÃO DOS SINAIS

André Nogueira XAVIER¹

RESUMO: O objetivo central deste artigo é tratar de casos de variação na pronúncia de sinais da libras (língua brasileira de sinais) com relação ao número de articuladores manuais empregados em sua produção. Embora de acordo com o trabalho de Xavier (2006) há sinais na libras que podem ser classificados como sendo normalmente produzidos com uma ou com duas mãos, discutem-se aqui casos em que certos sinais, tipicamente realizados com uma mão, são articulados com duas, e vice-versa. Além disso, discutem-se os fatores que regem essa variação. Antes disso tudo, no entanto, apresentam-se os parâmetros de análise sublexical propostos para as línguas de sinais, objetivando, em primeiro lugar, contextualizar o número de mãos como sendo um deles e, em segundo lugar, evidenciar que a variação na pronúncia dos sinais decorre das diferentes manifestações que um dado parâmetro, entre eles o número de mãos, pode ter.

Palavras-chave: libras; variação fonológica; número de mãos.

ABSTRACT: This paper aims at discussing the variation in the pronunciation of signs of libras (Brazilian Sign Language), regarding the number of manual articulators used in their production. Although according to Xavier (2006) there are signs in libras that can be classified as one or two-handed, it is discussed here cases in which certain signs typically realized with one hand are rendered with two and vice-versa. In addition, the factors that govern this variation are also discussed. Before that, however, the parameters for the sublexical analysis of signs are presented, so as to, firstly, contextualize the number of hands as one of those parameters and, secondly, evidence that the variation in the pronunciation of signs results from the different manifestations that a parameter, among which is the number of hands, may have.

Keywords: libras, phonological variation, number of hands.

1. Introdução

O presente artigo trata de um caso de variação fonológica² ocorrente na libras (língua brasileira de sinais): a alternância no número de articuladores manuais envolvidos na realização de alguns sinais, ou itens lexicais, dessa língua. Mais precisamente, neste trabalho, são analisados sinais que, apesar de serem normalmente produzidos com uma mão, são, por vezes, realizados com duas e vice-versa.

¹ Doutorando em linguística (IEL-Unicamp). Agradeço ao CNPq pelo apoio financeiro (Processo 151395/2010-1).

² Pode parecer estranho falar de variação fonológica, ou mesmo usar termos como *fonética*, *fonologia*, pronúncia, entre outros, para tratar de línguas que não se manifestam através de sons. Entretanto, tais termos vêm sendo empregados na literatura sobre as línguas de sinais, em primeiro lugar porque se entende que os conceitos expressos por eles não estão necessariamente atrelados ao som e, em segundo lugar, porque se defende que o uso de uma terminologia diferente para tratar de fenômenos nas línguas de sinais semelhantes aos das línguas orais obscureceria a observação de paralelos entre esses dois tipos de línguas.

Entretanto, antes de tratar desses casos propriamente, são apresentados os parâmetros de análise sublexical dos sinais que vêm sendo postulados na literatura sobre a fonética e a fonologia das línguas sinalizadas, de maneira a contextualizar o número de mãos como sendo um deles.

Em seguida, são discutidos alguns casos de variação fonológica na libras caracterizáveis como sendo resultantes das diferentes manifestações que cada uma das unidades de análise sublexical dos sinais pode apresentar. Distinguem-se entre esses casos, aqueles cuja variação parece independer do contexto fonético-fonológico, daqueles que, ao contrário, têm sua alternância determinada ou influenciada pelos sinais adjacentes.

Por fim, focaliza-se a variação que acontece em alguns sinais da libras no que diz respeito ao número de articuladores manuais com que são produzidos e ilustra-se que os fatores que regem essa alternância podem ser de naturezas diversas, envolvendo desde expressividade até aspectos gramaticais/lexicais ou fonético-fonológicos.

2. As unidades de análise sublexical dos sinais

Stokoe (1960) foi o primeiro linguista a defender o estatuto de língua natural das línguas de sinais, ao apresentar evidências de caráter linguístico de que a língua de sinais americana, doravante ASL (do inglês *American Sign Language*), exhibe princípios estruturais semelhantes aos apresentados pelas línguas orais.

Como a argumentação do autor se concentrou em aspectos da fonologia da ASL, os princípios estruturais elencados por ele diziam respeito (1) à decomposicionalidade dos itens lexicais dessa língua, normalmente chamados de sinais, em unidades menores, (2) à finitude e conseqüente recorrência dessas unidades sublexicais na constituição de outros sinais e, (3) ao caráter distintivo que estas podem assumir.

Mais precisamente, Stokoe demonstrou, em primeiro lugar, que, a despeito do que se pensava na época, os sinais não são meros “desenhos feitos no ar”, em outras palavras, eles não são um todo inanalísável. De acordo com o autor, os itens lexicais da ASL, e por extensão das línguas de sinais, são, assim como as palavras das línguas orais, decomponíveis em unidades menores.

Stokoe propôs que essas unidades, ou parâmetros, são de três tipos, a saber: *configuração de mão, localização e movimento*. A configuração de mão consiste na

disposição dos dedos durante a produção dos sinais. Já a localização corresponde ao lugar no corpo ou em frente a ele em que os sinais são realizados. Por fim, o movimento se refere à forma como a mão se desloca no espaço quando da articulação de um sinal.

Para efeitos de ilustração, tome-se o sinal CACHORR@³ da libras, em que se pode observar a ocorrência dessas três unidades, ou parâmetros.



CACHORR@
Figura (1)⁴

Como sugere a imagem acima, a articulação do sinal CACHORR@ consiste em configurar a mão de tal forma que os dedos fiquem espalmados e dobrados nas juntas mediais e distais (configuração da mão), em posicioná-la na frente da boca (localização) e em movê-la retilineamente em direção a essa posição duas vezes (movimento).

Stokoe também observou que cada parâmetro abrange um número limitado de possibilidades, assim como os inventários fonológicos das línguas orais apresentam um número determinado de sons. Mais especificamente, o autor verificou que na ASL existe um conjunto finito de configurações de mão, localizações e movimentos e que estes, por sua vez, representam apenas algumas de todas as formas possíveis de configurar, localizar e mover as mãos, respectivamente.

Justamente porque as diferentes línguas de sinais não necessariamente elegem as mesmas configurações, localizações e movimentos, os inventários fonológicos dessas línguas diferem entre si, tal como acontece com línguas orais distintas. O estudo contrastivo entre a ASL e a língua de sinais chinesa desenvolvido por Klima e Bellugi (1979) mostra exatamente isso, ou seja, que há configurações, localizações e

³ Na literatura sobre línguas de sinais, os itens lexicais dessas línguas são, em geral, representados graficamente por meio de glosas. Essas glosas consistem de uma ou mais palavras semanticamente equivalentes em uma língua oral e são grafadas em maiúsculo (McCleary e Viotti, 2007). Além disso, como explica Felipe de Souza (1998), utiliza-se o símbolo @ na glosa de um sinal, quando a palavra da língua oral correspondente a ele apresenta alguma marca morfológica referente a gênero. Com isso, captura-se o fato de que no sinal glosado não há distinção entre masculino e feminino. No exemplo em questão, o símbolo @ está no lugar dos morfemas {-o} ou {-a} do português.

⁴ Agradeço à surda Sylvania Lia Grespan Neves por ceder sua imagem para a ilustração dos sinais da libras apresentados neste trabalho. Agradeço também a ela, à surda Regiane Agrella e à intérprete bilíngue Neiva de Aquino Albres pelas valiosas discussões que tivemos a respeito dos dados que fundamentam este artigo. Por fim, agradeço à Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (FENEIS) de São Paulo por ter cedido seu estúdio para a filmagem dos sinais apresentados neste artigo.

movimentos presentes em uma língua, mas ausentes em outra e vice-versa.

Apesar de não existir ainda um levantamento exaustivo de todas as configurações de mão, localizações e movimentos que formam o sistema fonológico da libras, o banco de dados desenvolvido por Xavier (2006) a partir do dicionário de Capovilla e Raphael (2001) permite-nos ter uma ideia inicial de quais e quantas seriam as configurações e os movimentos presentes nessa língua⁵. Além disso, o referido banco também permite que se observe a recorrência de cada um dos diferentes subtipos desses dois parâmetros entre os sinais abrangidos por ele.

Essa recorrência observável através do banco de dados de Xavier corrobora a argumentação de Stokoe, uma vez que para este autor a recorrência de configurações, localizações e movimentos é vista como mais uma das características que assemelha as línguas de sinais às línguas orais do ponto de vista estrutural. Como explica Stokoe, justamente porque as unidades sublexicais das línguas de sinais são finitas, a geração de todo o léxico dessas línguas também consiste nas diversas combinações entre essas unidades.

Uma ilustração disso pode ser feita a partir das unidades sublexicais que constituem o sinal CACHORR@, representado na Figura (1). Como sugerem as imagens abaixo, a configuração de mão, a localização e o movimento presentes nesse sinal podem reaparecer em outros itens lexicais da libras - mesmo nos semanticamente não-relacionados - combinados com outros subtipos dos demais parâmetros.



SÉRI@

AÇÚCAR

ALEMANHA

Figura (2)

No sinal SÉRI@, por exemplo, reaparece a mesma configuração de mão do sinal CACHORR@ (dedos espalmados e flexionados nas juntas mediais e distais), porém, desta vez, combinada com outra localização (frente do rosto) e com outro tipo de movimento (reto e para baixo).

Já no sinal AÇÚCAR, aparece novamente a mesma localização presente no sinal CACHORR@ (frente da boca), entretanto, nesse sinal, ela se combina com uma

⁵ Segundo levantamento feito no banco de dados de Xavier (2006), há, entre os sinais abrangidos por ele, cerca de 84 configurações de mão e quatro tipos diferentes de contorno de movimento.

configuração (mão plana com dedos unidos pelas laterais) e um movimento (circular) diferentes.

Por fim, no sinal ALEMANHA, tem-se a recorrência do mesmo tipo de movimento observado no sinal CACHORR@, todavia combinado com outra configuração (em L⁶) e localização (centro da testa).

Além da decomposicionalidade dos sinais em unidades menores, da finitude e do conseqüente reaproveitamento dessas unidades na formação dos itens lexicais das línguas de sinais, Stokoe apontou como outra característica que assemelha essas línguas às línguas orais o caráter distintivo que as unidades sublexicais que propôs podem assumir.

O referido autor identificou na ASL pares de sinais que se distinguem unicamente por apresentarem diferentes configurações, ou localizações, ou movimentos. Mais concretamente, Stokoe encontrou na ASL pares de sinais semelhantes aos sinais CANADÁ vs PALMEIRAS, SACRIFÍCIO vs BAIRRO-SANTA-CRUZ, e SOGR@ vs SOLTEIR@ da libras, ilustrados pelas imagens abaixo.



Figura (3)

Como sugerem as imagens acima, os sinais CANADÁ e PALMEIRAS contrastam fonologicamente entre si unicamente pela configuração de mão (a do primeiro em A e a do segundo em P), dado que apresentam os demais parâmetros iguais: localização: peito e movimento: reto e repetido duas vezes.

⁶ Algumas configurações de mão são normalmente designadas pela letra do alfabeto manual a que correspondem. No final deste trabalho, são listadas e ilustradas todas as configurações de mão referidas por meio da letra do alfabeto manual correspondente citadas ao longo do artigo.

⁷ De acordo com Felipe de Souza (1998), quando a glosa de um sinal da libras corresponde a mais de uma palavra da língua oral, tais palavras são hifenizadas.

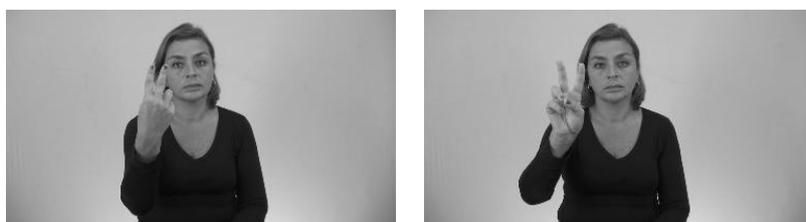
Já os sinais SACRIFÍCIO e BAIRRO-SANTA-CRUZ, por sua vez, diferem entre si somente pela localização (a do primeiro na boca e a do segundo no peito), uma vez que a configuração (em A, mas com o polegar distendido) e o movimento (reto) são idênticos em ambos.

Por fim, os sinais SOGR@ e SOLTEIR@ se distinguem um do outro apenas pelo tipo de movimento realizado pela mão durante sua produção (reto no primeiro e circular no segundo), visto que a configuração (em S) e a localização (em frente ao ombro) são iguais nos dois sinais.

As ideias de Stokoe tiveram continuidade no trabalho de outros pesquisadores, dentre os quais destacam-se Battison (1978) e Klima e Bellugi (1979).

A Battison deve-se, entre outras contribuições para um melhor entendimento da fonologia das línguas de sinais, a inclusão de um quarto parâmetro de análise sublexical dos sinais: *a orientação da palma*. O autor propôs que a orientação da palma tivesse o mesmo estatuto que a configuração de mão, a localização e o movimento em virtude de ter identificado na ASL pares de sinais cujo contraste lexical se dá unicamente por meio desse aspecto.

Mais concretamente, o referido autor encontrou pares de sinais na ASL que, semelhantemente aos sinais DOIS e V da libras, têm as especificações de todos os seus parâmetros idênticas, com exceção da orientação.



DOIS

V

Figura (4)

Como mostram as imagens acima, a única diferença entre os sinais DOIS e V reside no fato de que, no primeiro, a palma está voltada para o sinalizador, enquanto, no segundo, ela está voltada para frente, dado que a configuração (em V), a localização (em frente à lateral do corpo) e o movimento (ausência de movimento) são iguais.

Já a Klima e Bellugi (1979) deve-se a inclusão, entre as unidades de análise sublexical dos sinais, de uma subclasse de parâmetros a que chamaram *parâmetros menores*. Os autores designaram tais parâmetros dessa forma por observarem que, diferentemente dos parâmetros originalmente propostos por Stokoe, eles aparecem como único elemento de contraste lexical em um número muito pequeno de sinais.

Um dos parâmetros menores propostos por Klima e Bellugi se denomina *arranjo das mãos*.⁸ Por meio de tal parâmetro, determina-se o número de mãos usadas para realização dos sinais e, com isso, distinguem-se sinais articulados apenas com uma mão daqueles produzidos com duas.

A inclusão de tal subparâmetro entre as unidades de análise sublexical dos sinais se deveu à existência na ASL de alguns pares de sinais, semanticamente não-relacionados, que diferem entre si somente no que se refere ao número de mãos com que são realizados.

Pares de sinais desse tipo também são raros na libras. Entre os poucos identificados até o momento estão os sinais NÃO-É e DIFERENTE, representados pelas imagens abaixo.⁹



Figura (5)

Todavia, a respeito desses sinais cabe dizer, primeiramente, que eles não parecem ser semanticamente não-relacionados entre si e, em segundo lugar, que eles não se opõem unicamente com base no número de mãos com que são produzidos.

O sinal NÃO-É, aparentemente, se relaciona semanticamente com o sinal DIFERENTE, podendo, inclusive, ter se originado dele. Tal sinal é empregado em situações em que, por exemplo, se quer dizer que uma dada informação não corresponde ao sabido, sendo, portanto, diferente do sabido. Além disso, examinando mais cuidadosamente a articulação de cada sinal, nota-se que o primeiro é normalmente produzido com movimento reduplicado, ou seja, repetido duas vezes, ao passo que o segundo é, em geral, realizado com um único movimento em cada mão.

Partindo dos trabalhos de Stokoe, Battison e Klima e Bellugi, Liddell e Johnson (1989) lançam um novo paradigma nos estudos da fonética e da fonologia das línguas

⁸ Klima e Bellugi, além do arranjo das mãos, propõem também como um outro tipo de parâmetro menor a *região de contato da mão dominante*, da qual não tratarei neste trabalho. Cabe dizer que os referidos autores incluem a orientação da palma nessa categoria, a despeito do tratamento dado por Battison (1978) a esse parâmetro.

⁹ Dois outros pares identificados são AVISAR e DIVULGAR (ou PROPAGANDA) e ESCÓCIA e GALINHA (pejorativo).

de sinais, ao proporem uma visão diferente acerca da estrutura interna dos sinais. Dada a enorme complexidade dessa proposta, este trabalho se restringe a uma das muitas contribuições dos autores para um aprofundamento no entendimento das unidades de análise sublexical dos sinais da ASL e, por extensão, das línguas de sinais de uma forma geral.

A Liddell e Johnson, entre outras coisas, deve-se a inclusão, no rol de primitivos fonológicos das línguas de sinais, das chamadas *marcações não-manuais*, ou seja, das expressões faciais e/ou movimentos de cabeça e/ou do torso que podem estar associados à articulação de um dado sinal.¹⁰ O tratamento das marcações não-manuais como uma das unidades de análise sublexical dos sinais é corroborado por trabalhos como o de Brennan (1992) *apud* Johnston e Schembri (2007), no qual se atesta a existência de sinais, no caso, na língua de sinais britânica, que contrastam entre si unicamente com base nesse parâmetro.

Apesar de raros, é possível encontrar também na libras pares de sinais que contrastam unicamente em relação às suas marcações não-manuais. Um exemplo disso é o par de sinais OCUPAD@ e NÃO-PODER, representados pelas imagens abaixo.



Figura (6)

Como sugerem as imagens acima, o sinal OCUPAD@ difere do sinal NÃO-PODER em virtude de o primeiro ser realizado sem qualquer marcação não-manual, ao passo que o segundo, além das atividades da mão, envolve também atividades da face (lábios comprimidos) e da cabeça (movimentos para os lados).

Outros primitivos fonológicos vêm sendo propostos para as línguas de sinais.¹¹ Entretanto, por razões de exigüidade de espaço, este trabalho se restringe aos parâmetros até aqui apresentados, ou seja, à configuração de mão, à localização, ao movimento, à orientação da palma, ao número de mãos e às marcações não-manuais.

¹⁰ As marcações não-manuais também desempenham funções sintáticas e pragmático-discursivas nas línguas de sinais. Para um maior aprofundamento nessa questão, ver Liddell (2003).

¹¹ Ver Liddell e Johnson (1989).

3. A variação fonológica na libras

Além dos aspectos levantados por Stokoe (1960), um outro que, também do ponto de vista fonético-fonológico, assemelha as línguas de sinais às línguas orais diz respeito justamente ao fato de que a realização concreta de seus itens lexicais, ou seja, a pronúncia dos sinais, pode sofrer variação.

Essa variação, por sua vez, assim como nas línguas orais, pode se manifestar por meio das diferentes realizações de uma (ou mais de uma) das unidades que constituem os seus itens lexicais. Mais concretamente, a variação na pronúncia dos sinais pode decorrer das diferentes manifestações que a configuração de mão e/ou a localização e/ou o movimento e/ou a orientação e/ou o número de mãos e/ou as marcações não-manuais de um dado sinal pode(m) apresentar, sem que isso altere o seu significado.

Somando-se a isso, semelhantemente às línguas orais, a variação fonológica nas línguas de sinais também pode ser de dois grandes tipos, a saber: (1) não-motivada pelo contexto em que uma dada unidade fonológica está inserida ou (2) motivada por ele.

Apesar de não haver ainda estudos sobre a variação fonológica na libras, observações de usos espontâneos dessa língua não apenas apontam para a existência desses dois grandes tipos de variação fonológica, como também evidenciam que a variação na pronúncia dos sinais decorre das diferentes realizações de suas unidades sublexicais.

Nas seções 3.1 e 3.2 seguintes, serão discutidos casos de variação fonológica não-condicionada e condicionada pelo contexto fônico, respectivamente. Entretanto, tratar-se-á nelas apenas dos exemplos de variação relacionados à configuração de mão, à localização, ao movimento, à orientação e às marcações não-manuais. A variação no parâmetro arranjo das mãos será pormenorizadamente discutida na seção 4.

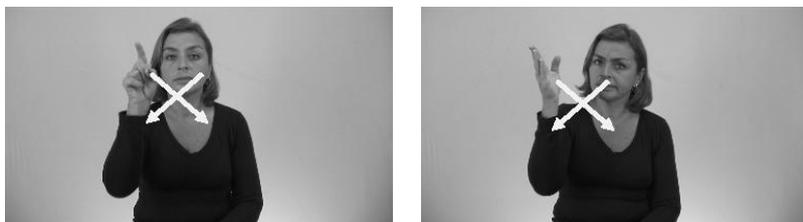
3.1 Variação fonologicamente não-condicionada

Os exemplos seguintes estão sendo considerados como casos de variação fonologicamente não-condicionada, em decorrência de a observação de seu uso em sinalização espontânea apontar que a “escolha” entre uma das formas alternativas do sinal não resulta de influências do contexto fonético-fonológico em que ela se encontra. Em outras palavras, ao que parece, esses casos representam exemplos de variação motivada por fatores extralinguísticos, tais como a procedência do falante, a sua idade,

ou mesmo o contato com o português, entre outros.

Os casos aqui discutidos se restringirão a sinais que apresentam variação em apenas um de seus parâmetros, ou seja, na sua configuração de mão, ou na sua localização, ou no seu movimento, ou na sua orientação, ou nas suas marcações não-manuais. Entretanto, isso não significa que não seja possível encontrar sinais que apresentem variação em mais de um desses parâmetros ao mesmo tempo.

Como exemplo de sinal que apresenta variação apenas no parâmetro configuração de mão, pode-se citar o sinal CANCELAR, que, de acordo com as imagens a seguir, pode ser realizado de duas maneiras: (1) com a mão configurada em 1¹² (dedo indicador distendido e demais dedos fechados) ou (2) com a mão em B (dedos indicador, médio, anelar e mínimo abertos e unidos pelas laterais e polegar flexionado na junta distal e paralelo à palma da mão).



CANCELAR
Figura (7)

A variação na configuração de mão desse sinal, apesar de, aparentemente, independe do contexto fonético-fonológico em que ele é usado, certamente é regida por princípios da fonologia da libras. Mais especificamente, é a fonologia dessa língua que deve determinar que a configuração de mão em 1 pode ser realizada, em alguns sinais, por meio da configuração de mão em B (ou o contrário), mas não por meio de qualquer outra configuração.¹³

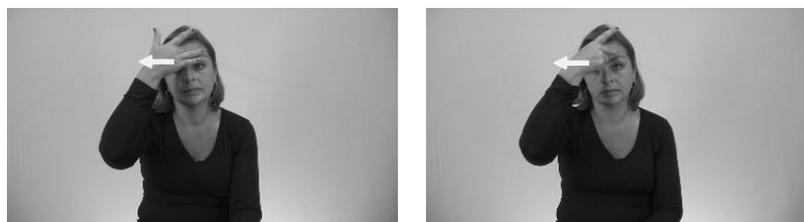
Entretanto, existem casos de variação na configuração de mão que não parecem ser determinados apenas por fatores internos ao sistema fonológico da libras. Há sinais

¹² Algumas configurações de mão são referidas por meio do numeral a que elas podem estar associadas. Assim como as configurações de mão referidas por meio das letras do alfabeto manual, essas configurações serão ilustradas no final deste trabalho.

¹³ Essa alternância é atestada em outros sinais da libras, como por exemplo, DESCOBRIR, TAMBÉM e SILÊNCIO. As duas formas possíveis de CONCORDAR, aparentemente, são também um outro caso dessa alternância. Entretanto, cabe dizer que tanto na versão com a configuração de mão em 1, quanto na versão com a mão configurada em B, o(s) dedo(s) aparece(m) dobrado(s) na(s) junta(s) distal(is). Outros casos de variação no parâmetro configuração de mão atestados até o momento envolvem os sinais AVIÃO, SALÁRIO, AJUDAR, AGUENTAR, SOCIEDADE. Nos três últimos casos (sinais produzidos com duas mãos, mas ficando uma delas parada e servindo como apoio ou ponto de referência para a outra), parece ocorrer um processo de assimilação da configuração da mão que se move pela mão que fica estacionada.

nessa língua em que uma dada configuração de mão alterna com uma outra que representa a letra inicial da glosa em português que mais comumente eles recebem.

Um exemplo de variação fonológica desse tipo pode ser observada no sinal PESSOA, ilustrado pelas imagens a seguir.¹⁴



PESSOA
Figura (8)

Conforme mostram as imagens acima, o sinal PESSOA da libras pode ser realizado de duas formas no que concerne à sua configuração de mão: (1) com todos os dedos espalmados e abertos, com exceção do dedo médio, que se dobra na junta proximal, ou (2) com a mão configurada em P.

Quando realizado com a configuração de mão em P, o sinal PESSOA pode ser tratado como um *sinhal inicializado*. Sinais inicializados são aqueles cuja configuração de mão remete à primeira letra da glosa na língua oral majoritária que mais comumente recebem.

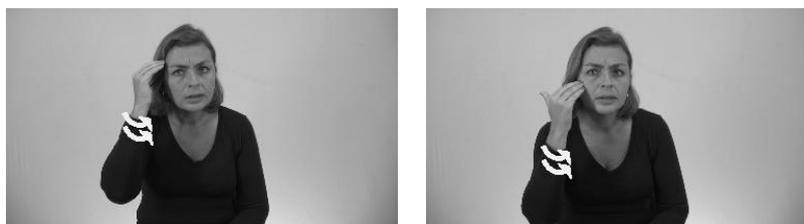
Johnston e Schembri (2007:88) mencionam que é provável que na língua de sinais australiana, *auslan* (de *Australian Sign Language*), alguns dos sinais inicializados tenham sido cunhados a partir da substituição da configuração de mão nativa pela configuração de mão correspondente à letra inicial de sua glosa mais comum. Todavia, em virtude da escassez de registros históricos da libras, não é possível saber se no caso de PESSOA, por exemplo, tem-se uma situação parecida com a descrita por Johnston e Schembri ou se, na verdade, tem-se uma situação inversa. Em outras palavras, não é possível saber se, na verdade, o sinal PESSOA, originalmente inicializado e portanto articulado com a configuração de mão em P, com o passar do tempo, foi sofrendo mudanças até chegar à forma mostrada na segunda imagem da Figura (8).

Os sinais podem variar também quanto à sua localização. Liddell e Johnson (1989) mencionam a ocorrência na ASL de um processo através do qual sinais feitos em

¹⁴ Outros exemplos são o sinal FUSCA que pode ser produzido com a mão dominante “em concha” ou configurada em F, RESPEITAR, que pode ser articulado com as duas mãos “em concha” ou em R e TEXTO que pode ser realizado com a mão dominante configurada em A ou com a mão em T. Vale registrar que, para alguns surdos, (alguns) sinais inicializados são estigmatizados por refletirem influência da língua oral majoritária na língua de sinais.

contato com a região ipsilateral da testa são, por vezes, realizados na lateral da bochecha, enquanto que sinais normalmente produzidos na bochecha são, certas vezes, articulados no maxilar. Os referidos autores designaram esse processo como *redução*, certamente porque a variação na localização dos sinais que o sofrem consiste na sua realização em um ponto mais baixo em relação àquele onde é normalmente produzido em sua forma de citação.

Sinais que sofrem um processo parecido ao descrito por Liddell e Johnson são também atestados na libras. Um exemplo disso é o sinal ENTENDER, representado pelas imagens a seguir.



ENTENDER
Figura (9)

Como mostram as imagens acima, o sinal ENTENDER pode ser realizado na região ipsilateral da testa, mas também pode ser produzido em um ponto mais baixo, ou seja, na lateral da bochecha.¹⁵

Outra forma de variação na produção dos sinais se vincula ao seu movimento. Com base nos dados que venho coletando, ao que parece, essa variação pode se dar de duas formas. Uma delas consiste na realização, com movimento, de um sinal normalmente produzido sem movimento. Isso acontece com o sinal OITO¹⁶, representado pelas imagens a seguir.

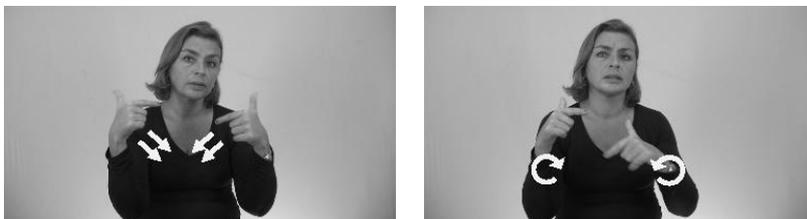
¹⁵ O mesmo fenômeno parece ocorrer com o sinal NÃO-SABER e TREINAR. Venho observando também que a variação no parâmetro localização não consiste somente na sua produção em um ponto abaixo daquele em que é produzido em sua forma de citação. Sinais como ALÍVIO e LEMBRAR, por exemplo, apesar de serem, em sua forma de citação, produzidos na lateral da testa, podem também ser realizados na região central da testa.

¹⁶ Para alguns surdos, a pronúncia do sinal OITO com movimento é mais uma manifestação da influência de ouvintes na língua de sinais, sendo, portanto, estigmatizada. Segundo eles, para distinguir o sinal OITO, realizado sem movimento, do sinal para a letra s, homônimo a este, alguns ouvintes usuários de libras começaram a produzir o primeiro sinal com movimento. Apesar de a veracidade dessa informação não poder ser atestada em decorrência da inexistência de registros históricos a esse respeito, essa anedota só está sendo mencionada aqui para ilustrar que, assim como nas línguas orais, às variantes fonológicas discutidas neste trabalho podem estar associados valores sociolinguísticos.



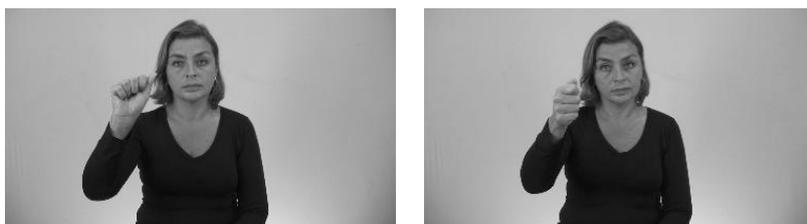
OITO
Figura (10)

A outra delas consiste em produzir o contorno de movimento de forma diferente. É isso que acontece, por exemplo, com o sinal TRABALHAR. Como indicam as setas acrescentadas às imagens abaixo, embora em ambas as formas o movimento seja alternado, na primeira forma do sinal, o movimento descrito pelas mãos é reto, enquanto que na outra realização possível desse mesmo sinal o movimento é circular.¹⁷



TRABALHAR
Figura (11)

A variação na pronúncia de certos sinais pode decorrer também das diferentes realizações que o parâmetro orientação da palma pode apresentar. Isso é evidenciado através das diferentes formas que o sinal para a letra a pode assumir. Como mostram as imagens abaixo, na primeira delas, a palma da mão está voltada para frente, ao passo que, na segunda, ela se encontra voltada para a esquerda.¹⁸



A
Figura (12)

¹⁷ Outros casos de variação no parâmetro movimento são observáveis nos sinais ESCOLA-ANNE-SULLIVAN (que pode ser realizado com movimento diagonal reto ou espiralado), GORD@ (que pode ser realizado com movimentos repetidos de rotação do pulso ou em ziguezague), SHOPPING (que pode ser produzido com as mãos realizando movimentos circulares em sentido horário ou anti-horário) e TEMA (que pode ser produzido por meio de movimentos dos pulsos ou de movimentos dos dedos indicador e médio).

¹⁸ Outros casos de variação no parâmetro orientação da palma são observáveis nos sinais LÍNGUA-DE-SINAIS (mãos paralelas ao plano sagital ou ao plano frontal) e ÓTIMO (palma para frente ou voltada para o sinalizador).

Por fim, há também casos em que um mesmo sinal apresenta variação em sua pronúncia em relação ao parâmetro marcações não-manuais. Os casos coletados até o presente, entretanto, sugerem que a variação na pronúncia de sinais em relação a esse parâmetro consiste na realização ou não de uma dada atividade não-manual. Tal fato pode ser ilustrado pelas duas formas possíveis do sinal ESTADOS-UNIDOS, representadas pelas imagens abaixo.



ESTADOS-UNIDOS

Figura (13)

Conforme se pode observar nas imagens em (13), é possível articular o sinal ESTADOS-UNIDOS inflando a bochecha na qual a lateral do dedo indicador faz contato ou não a inflando.

Ao tratarem das marcações não-manuais associadas a itens lexicais, Johnston e Schembri (2007:98) mencionam que não se sabe até que ponto elas sejam, em alguns sinais da auslan, obrigatórias. Eles relatam, inclusive, que a intuição de sinalizadores nativos varia a esse respeito. Considerando que o mesmo pode acontecer na libras, é possível que a realização ou não de marcações não-manuais em alguns sinais seja reflexo da não-obrigatoriedade de sua ocorrência.

3.2 Variação fonologicamente condicionada

Diferentemente dos sinais apresentados na seção anterior, os casos de variação fonológica a serem discutidos nesta seção parecem ser decorrentes da influência exercida pelo contexto fonético-fonológico em que estão inseridos. À luz da fonologia articulatória, esses casos podem ser caracterizados como sendo resultantes da *coarticulação*. De acordo com Browman e Goldstein (1989), a coarticulação se define como resultado da sobreposição de gestos articulatórios. Essa sobreposição pode se dar por meio de uma *antecipação* ou *perseveração* desses gestos.

Liddell e Johnson (1989) atestaram na ASL fenômenos desse tipo. Eles observaram que nessa língua é bastante frequente o pronome de primeira pessoa singular apresentar, em vez de sua configuração em 1, a configuração do verbo que o

sucedem. Nos termos da fonologia articulatória, é recorrente na ASL o gesto de configuração de mão de um dado verbo ser antecipado e, portanto, se sobrepor ao gesto de configuração de mão do pronome de primeira pessoa do singular.

Observações de sinalizações espontâneas da libras apontam que tal processo também ocorre nessa língua com o pronome de primeira pessoa singular, eu, representado pela imagem abaixo e glosado como PRO-1¹⁹.



PRO-1
Figura (14)

Conforme se pode depreender da imagem acima, tal pronome, em sua forma de citação e em certos contextos, é realizado com a mão configurada em 1, ou seja, com o dedo indicador distendido e os demais fechados. Entretanto, é bastante comum observar, na sinalização corrente, a configuração de mão desse pronome variar em função do sinal que o sucede. Isso acontece, por exemplo, quando o sinal PRO-1 é seguido do sinal AJUDAR, como mostra a imagem a seguir.



PRO-1 AJUDAR
Figura (15)

Nesse caso, tal como se vê na imagem acima, o sinal PRO-1 é realizado com a mão configurada de forma que todos os dedos se encontram distendidos e unidos pelas laterais, semelhantemente a como eles aparecem no sinal AJUDAR. Esse caso, por se tratar de uma antecipação do gesto articulatório de configuração de mão, pode ser denominado como *coarticulação antecipatória*.²⁰

¹⁹ Seguindo a convenção estabelecida em Johnston e Schembri (2007), pronomes pessoais são glosados por meio de PRO-. A diferenciação entre as pessoas se dá por meio dos números 1, 2 e 3. Dessa forma, PRO-1 representa a primeira pessoa do singular.

²⁰ O sinal VERDADE da libras pode ser realizado com a mão ativa configurada em P ou com os dedos médio e polegar em contato pelas pontas e os demais distendidos e espalmados. Embora a variação observada nesse sinal pareça ser mais bem caracterizada como sendo não condicionada pelo contexto fonético-fonológico, observei uma das informantes deste trabalho, que alterna entre essas duas realizações

Além da configuração de mão, é possível encontrar casos de coarticulação envolvendo outras unidades sublexicais dos sinais. Como exemplo de coarticulação no parâmetro localização, pode-se citar uma das realizações possíveis para a expressão meio-dia e meia em libras.

Como mostra a imagem abaixo, o sinal MEIO-DIA, em sua forma de citação, é normalmente realizado na região central da testa.



MEIO-DIA
Figura (16)

Todavia, é bastante comum observar a realização desse sinal na expressão MEIO-DIA MEI@, de maneira diferente. Conforme mostram as imagens a seguir, é possível articular o sinal MEIO-DIA em frente ao corpo, ou seja, na mesma localização em que o sinal seguinte, MEI@, é produzido.



MEIO-DIA MEI@
Figura (17)

Assim como o caso anterior, tal processo observado envolvendo o parâmetro localização pode ser caracterizado como sendo resultante de coarticulação antecipatória.

Observam-se também casos como esse ocorrer na realização da orientação da palma de alguns sinais. O sinal para a letra c, por exemplo, é, em sua forma de citação, realizado com a palma da mão orientada para o lado, como mostra a imagem abaixo.

possíveis do sinal VERDADE, realizá-lo com a configuração de mão em P logo depois do sinal FALAR, também produzido com essa mesma configuração. Sendo assim, é possível que, mesmo se tratando de variação fonologicamente não-condicionada, a “escolha” por uma forma ou outra desse sinal seja favorecida pelo contexto em que ele ocorre. Em relação ao exemplo do PRO-1 em discussão, esse caso também difere no que diz respeito à posição do sinal que foneticamente o influencia. Nesse caso, é o sinal precedente que, aparentemente, motivou (contribuiu para) a realização do sinal VERDADE com a configuração em P, o que constitui um caso de coarticulação perseveratória.



C
Figura (18)

Porém, durante a soletração manual²¹ de palavras como ‘casa’, a orientação da mão do sinal C pode ser realizada para frente por influência do sinal A subsequente, como mostram as imagens abaixo.²²

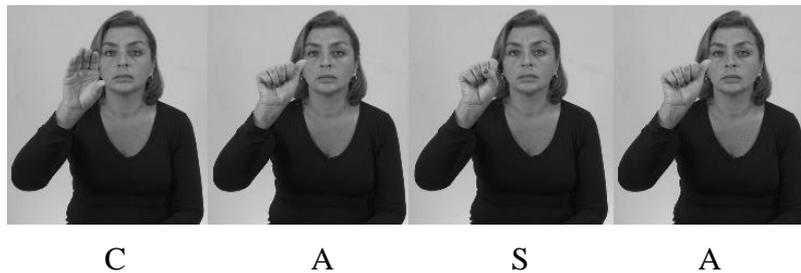


Figura (19)

Embora não tenham sido identificados até o presente momento, é provável que existam casos de variação no movimento e nas marcações não-manuais de certos sinais decorrente do contexto fonético-fonológico em que eles se encontram.

4. Alternância no número de articuladores manuais

De acordo com Xavier (2006), há na libras sinais tipicamente articulados com uma mão, bem como sinais normalmente realizados com duas e, segundo o mesmo autor. Com base nos resultados do referido autor (obtidos de um *corpus* criado a partir do dicionário Capovilla e Raphael (2001)), pode-se dizer que, em termos de frequência absoluta, não há uma diferença significativa entre esses dois traços, dado que dos 2.269 sinais estudados 44% são feitos com uma mão e 56% com duas. Entretanto, observações de uso espontâneo dessa língua apontam que alguns sinais normalmente articulados com uma mão podem ser produzidos com duas e vice-versa.

²¹ A soletração manual ou datilologia é largamente usada nas línguas de sinais como um recurso para representar palavras escritas de uma língua oral. Observa-se como um das razões mais comuns para seu uso em sinalização corrente a necessidade de sinalizadores evocarem conceitos expressos por uma palavra da língua oral majoritária para o qual ainda não há um sinal convencionalizado. Para um maior aprofundamento nessa questão, ver Padden e Gunsals (2003).

²² Cabe lembrar que a orientação do sinal A, como dito na seção anterior, pode ser realizada para frente ou para o lado. No caso em questão, está-se considerando a primeira variante.

Um levantamento preliminar de sinais com esse comportamento revelou que existem fatores de natureza distinta regendo a alternância no número de articuladores manuais em alguns sinais. Entre os fatores levantados até o momento está (1) a expressividade, (2) a ocorrência de processos lexicais/gramaticais e (3) a influência do contexto fonético-fonológico.

Cabe dizer, entretanto, que, apesar de cada um desses fatores serem tratados separadamente nas seções seguintes, não se quer, através dessa divisão, sugerir que sinais que alternam o número de mãos com que são produzidos só o façam por uma razão. É bastante provável certos sinais apresentem essa variação por fatores diferentes ao mesmo tempo. Nas seções 4.1 e 4.2, serão tratados apenas casos em que a alternância nos sinais se dá de uma para duas mãos. Na seção 4.3, tratarei tanto desse tipo de alternância quanto de casos em que o contrário ocorre, ou seja, casos em que sinais normalmente produzidos com duas mãos são realizados apenas com uma.

4.1 Expressividade

Um das possíveis razões pelas quais alguns sinais normalmente articulados com uma mão são, por vezes, realizados com duas está aparentemente vinculada à expressão de ênfase, intensidade, entre outros.

Um exemplo de alternância desse tipo foi observado com sinal para o possessivo de primeira pessoa singular, meu/minha, representado pela imagem a seguir e glosado como POSS-1²³.



POSS-1
Figura (20)

Embora esse possessivo seja normalmente articulado apenas com uma mão, é possível que na expressão equivalente a ‘problema meu’ do português, ele seja realizado com duas mãos.

²³ Seguindo a convenção estabelecida em Johnston e Schembri (2007), pronomes possessivos são glosados por meio de POSS-. A diferenciação entre as pessoas se dá por meio dos números 1, 2 e 3. Dessa forma, POSS-1 representa um pronome possessivo de primeira pessoa do singular.



PROBLEMA POSS-1

Figura (21)

Pelo contexto em que esse uso foi observado, a alternância de uma para duas mãos pareceu ter sido motivada pela ênfase que o sinalizador queria dar ao fato de que um determinado problema era de seu e não de seu interlocutor.

Aparentemente, realizar com duas mãos sinais normalmente articulados com uma mão para expressar ênfase ou intensidade é opcional, dado que essa mesma expressão poderia ter sido produzida com o sinal POSS-1 feito apenas com uma mão. Provavelmente essa opcionalidade decorre do fato de que, independentemente do número de mãos, a ênfase ou intensidade também são expressas pelas marcações não-manuais e pela tensão e velocidade do movimento.²⁴

4.2 Processos lexicais/gramaticais

Outra razão pela qual alguns sinais alternam o número de articuladores manuais de um para dois, aparentemente, se vincula à ocorrência de processos lexicais ou gramaticais. Está-se chamando aqui de processos lexicais aqueles que cumprem nas línguas a função formar novos itens lexicais e de processos gramaticais aqueles responsáveis pela modulação ou modificação de itens lexicais já existentes.

²⁴ Venho observando o mesmo fenômeno acontecer com vários outros sinais da libras, entre eles: ALÍVIO, APROVEITAR, BOM, CALMA, CONSEGUIR, DESCULPAR, EMOÇÃO, FÁCIL, FOME, GRITAR, IMPOSSÍVEL (não dá), INTERESSANTE, NÃO-SABER, NÃO-TER, NOSSA (interjeição), NUNCA, OBRIGAD@, O-QUE, PERIGOS@, POSS-2, SAÚDE, SENTIR, SIM, SÓ, SOL, MUITA-VONTADE. Dentre esses sinais, dois deles, NOSSA (interjeição) e O-QUE, apresentam um comportamento diferente dos demais. O sinal NOSSA (interjeição) apresenta duas versões com duas mãos diferentes. Em uma delas, as mãos se movem simultaneamente, tal como acontece com todos os outros casos de alternância de uma para duas mãos. Entretanto, em outra versão, as mãos realizam movimentos alternados. Fenômeno semelhante ocorre com o sinal O-QUE, dado que tal sinal também apresenta duas versões com duas mãos diferentes. A diferença em relação ao sinal NOSSA (interjeição) é que, em uma dessas versões o contorno de movimento difere daquele observado no sinal produzido com uma mão. Mais precisamente, embora o sinal O-QUE feito com uma mão se realize através de um movimento reto e repetido do pulso, em uma das versões com duas mãos, além de o movimento ser alternado, seu contorno é circular. Isso levanta a possibilidade de que tanto no caso de NOSSA (interjeição) quanto no de O-QUE, não se tenha apenas a ocorrência do processo de alternância no número de articuladores manuais (casos em que a versão com duas mãos apresenta não só movimento simultâneo mas também o mesmo contorno de movimento observado na versão com uma mão), mas também a alternância entre dois sinais diferentes, mas com significados parecidos.

Embora esses processos se assemelhem ao que é tradicionalmente denominado na literatura linguística de *derivação* e *flexão*, respectivamente, optou-se neste trabalho, seguindo Johnston e Schembri (2007), por não designá-los dessa forma. Entre as razões para o uso de termos mais neutros, está o fato de que a própria existência de flexão nas línguas de sinais vem sendo questionada. Trabalhos como o de Liddell (2003), por exemplo, ao reanalisarem o que alguns pesquisadores vêm chamando de flexão de pessoa nas línguas de sinais, revelaram comportamentos diferentes daquilo que normalmente se designa como flexão de pessoa nas línguas orais.

Cabe dizer também que não se pretende determinar para os casos incluídos nesta categoria se a alternância de uma para duas mãos é resultante de um processo lexical ou gramatical. As razões para isso vinculam-se não somente ao pouco conhecimento acerca da gramática da libras, mas também, como apontam Johnston e Schembri, à própria dificuldade de se diferenciar, em alguns casos, processos derivacionais de flexionais, mesmo em línguas orais.

Como exemplo de sinal que parece apresentar alternância no número de articuladores manuais por conta da ocorrência de um processo lexical/gramatical, pode-se citar o sinal AVISAR. Tal sinal, representado em suas duas versões, com uma e com duas mãos, nas imagens abaixo, pertence à classe dos *verbos indicadores*. Verbos indicadores são sinais que têm a propriedade de realizar dêixis, ou seja, de sofrer alterações em sua forma para assim apontar para pontos no espaço de sinalização associados às entidades por eles referidas.²⁵



AVISAR (uma pessoa)



AVISAR (várias pessoas)

Figura (22)

Como indicam as glosas acima, a mudança na articulação de uma para duas mãos no sinal AVISAR deve estar ligada ao número de pessoas a que se refere o objeto indireto de tal sinal. Mais precisamente, realiza-se o sinal AVISAR com uma mão quando seu objeto indireto tiver como referente uma única pessoa e, com duas mãos, quando o objeto indireto desse mesmo sinal se referir a mais pessoas.

²⁵ Para um maior aprofundamento sobre verbos indicadores na libras, ver Moreira (2008).

Johnston e Schembri (2007:147) atestam fenômeno semelhante na auslan. Segundo os autores, se um verbo indicador, em sua forma de citação, é articulado com uma mão, ele pode vir a ser produzido com duas. Entretanto, na auslan, isso se dá quando o objeto indireto de verbos indicadores se refere a duas entidades, ao passo que, na libras, de acordo com a intuição de alguns surdos sinalizadores, o uso da versão com duas mãos de sinais desse tipo está sempre associada a objetos indiretos que se referem a mais de duas pessoas.²⁶

A alternância no número de mãos também pode ser observada em verbos não indicadores, como, por exemplo, ENTENDER, representado em suas duas versões, com uma e com duas mãos, nas imagens abaixo.

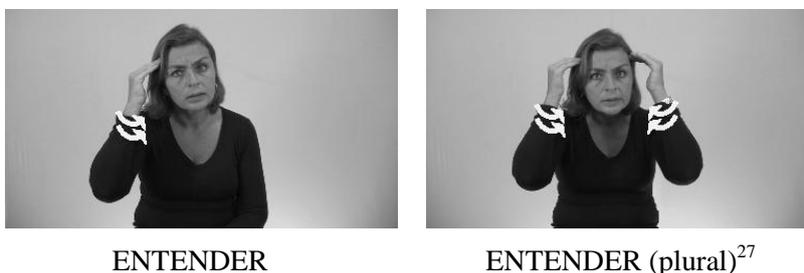


Figura (23)

A realização com duas mãos desse sinal é particularmente interessante não apenas porque ele não é indicador, mas também porque ela parece ser motivada pela pluralidade do referente do sujeito e não do objeto, tal como acontece com o sinal AVISAR.²⁸

Apesar de a expressão de pluralidade poder estar por trás da alternância de uma para duas mãos em alguns sinais, ela não parece ser o único fator. Os dados coletados de observações de usos espontâneos da libras sugerem que deve haver outras razões, ou melhor, outros processos lexicais/gramaticais envolvidos.

O sinal FALAR, por exemplo, realizado com uma mão em sua forma de citação, pode ser produzido com duas (movendo-se alternadamente), quando se quer expressar, por exemplo, iteração.²⁹

²⁶ Além do verbo AVISAR, venho observando alternância no número de mãos em outros verbos indicadores, a saber: ACUSAR, BEIJAR, e IGNORAR. Curiosamente, já observei o mesmo fenômeno ocorrendo com os sinais CADA e CAFÉ que não constituem exemplos prototípicos de sinais indicadores.

²⁷ Observei o sinal ENTENDER sendo realizado com duas mãos numa situação em que uma professora surda de libras perguntava a seus alunos se eles tinham entendido a explicação que ela tinha acabado de dar.

²⁸ Os sinais COLAR-NA-PROVA, EM-PÉ, IR, IR-EMBORA, OPINIÃO e VIR, aparentemente, apresentam o mesmo comportamento. Entretanto, cabe dizer que já observei o sinal AVISAR sendo produzido com duas mãos quando o sujeito a que se referia era plural.

²⁹ O mesmo deve ocorrer com os sinais APRENDER, IMAGINAR, PAGAR e RESPONDER.



FALAR

FALAR (repetidamente)

Figura (24)

Já o sinal INVENTAR, articulado com uma mão em sua forma de citação, pode ser feito com duas mãos quando se quer caracterizar alguém como criativo.³⁰



INVENTAR

CRIATIV@

Figura (25)

4.3 Influência do contexto fonético-fonológico

Por fim, uma outra razão pela qual certos sinais apresentam variação no número de articuladores manuais pode se dever às influências exercidas pelo contexto fonético-fonológico em que eles estão inseridos. Mais especificamente, nos termos da fonologia articulatória, à ocorrência de processos coarticulatórios.

Nesses casos, diferentemente dos outros dois tratados nas seções anteriores, a alternância no número de mãos não se dá somente por meio da realização com duas mãos de sinais normalmente articulados com uma, mas também através da articulação, com uma mão, de sinais geralmente feitos com duas.

A ocorrência desse processo pode ser observada na realização da sequência de sinais PRECISAR NÃO, empregada para dizer em libras ‘não é preciso’. Como mostra a imagem a seguir, em sua forma de citação, o sinal NÃO é produzido com uma mão.

³⁰ É provável que o mesmo aconteça com o sinal ÁRVORE, COMER e RIR que, quando realizado com duas mãos, significam, de acordo com a intuição de uma informante surda, arborizado, guloso e hilário, respectivamente.



NÃO
Figura (26)

Entretanto, quando segue o sinal PRECISAR, normalmente realizado com duas mãos, o sinal NÃO pode ser articulado com duas mãos, como mostram as imagens em (27).



PRECISAR³¹ NÃO
Figura (27)

Mais precisamente, nesse caso, tem-se a articulação de um sinal, normalmente feito com uma mão, com duas mãos, em decorrência de um processo de *coarticulação perseveratória*.³²

Interessantemente, pode-se observar nessa mesma sequência de sinais esse processo ocorrendo de forma contrária. É possível que o sinal PRECISAR sofra influência do sinal seguinte, NÃO, e passe a ser realizado com apenas uma mão, como mostram as imagens abaixo.



PRECISAR NÃO
Figura (28)

Nesse caso, diferentemente de (27), tem-se a ocorrência de *coarticulação*

³¹ Embora o sinal PRECISAR seja normalmente realizado com movimentos retos e para baixo dos pulsos, quando seguido de NÃO, esse sinal pode ser produzido com um único movimento semi-circular para baixo.

³² Outros casos de coarticulação perseveratória foram observados com os sinais DINHEIRO, JÁ e SURD@, tipicamente produzidos só com uma mão. Em um contexto em que tais sinais eram antecedidos por um outro produzido com duas mãos (MUITO, AVISAR e PERDER-AUDIÇÃO, respectivamente), observei a sua realização também com duas mãos.

antecipatória, dado que o sinal NÃO, normalmente realizado com uma mão, influencia a articulação do sinal PRECISAR que o antecede, fazendo com que ele seja produzido apenas com uma mão.³³

Casos como os tratados até aqui evidenciam que um dado sinal da libras pode variar sua realização no que concerne ao número de mãos por influência do sinal que o sucede ou que o precede. Em outras palavras, os exemplos discutidos até aqui evidenciam que na libras ocorrem tanto processos caracterizáveis como coarticulação antecipatória quanto como coarticulação perseveratória.

Entretanto, um uso do sinal OU, observado em sinalização corrente, sugere que nem sempre é possível determinar de qual desses dois tipos decorre a alternância no número de articuladores manuais. Como mostra a imagem abaixo, o sinal OU, em sua forma de citação, é articulado somente com uma mão.



OU
Figura (29)

Entretanto, já observei esse sinal sendo realizado com duas mãos, em um contexto no qual ele aparecia entre dois outros articulados com duas mãos, como ilustram as imagens a seguir.



TRABALHAR

OU
Figura (30)

PREOCUPAD@³⁴

³³ Um outro caso de coarticulação antecipatória observado envolve o sinal QUERER, normalmente produzido com duas mãos. Já observei esse sinal ser realizado apenas com uma mão quando seguem a ele sinais como COMER e BEBER, articulados somente com uma mão.

³⁴ Este fragmento de frase foi observado em uma conversa com uma das informantes deste trabalho. Ela usou essa sequência de sinais quando especulava sobre as causas da doença de um amigo. Mais precisamente, ela dizia não saber se seu amigo estava doente por conta do excesso de trabalho ou do excesso de preocupação.

Consequentemente é difícil dizer, nesse caso, se a realização com duas mãos do sinal OU se deveu à influência do sinal TRABALHAR, que o precede, ou do sinal PREOCUPAD@, que o sucede, ou dos dois simultaneamente.

5. Considerações finais

Neste trabalho, foram apresentados os parâmetros (ou unidades) sublexicais com base nos quais os sinais das línguas de sinais vêm sendo analisados com o objetivo de mostrar que a variação na pronúncia dos itens lexicais dessas línguas é resultante das diferentes manifestações que esses mesmos parâmetros podem ter.

Deu-se especial destaque para um caso de variação fonológica na libras: a alternância no número de articuladores manuais observada em alguns sinais. Mais especificamente, discutiram-se os fatores que regem a realização com duas mãos de sinais normalmente produzidos com uma ou a produção com uma mão de sinais geralmente articulados com duas.

Viu-se também que esses fatores são de naturezas diferentes, dado que podem se vincular à expressividade, a processos lexicais ou gramaticais, ou ainda a processos fonético-fonológicos.

6. Referências bibliográficas

BATTISON, Robin. (1978). Signs Have Parts: A Simple Idea. In: VALLI, C.; LUCAS, C. (org.). **Linguistics of American Sign Language: an introduction**. Washington, D.C.: Clerc Books/Gallaudet University Press. p. 231-242. 2001.

BRENNAN, M. The Visual World of BSL: An Introduction. In: BRIEN, D. (ed.), **Dictionary of British Sign Language/English**. London: Faber & Faber, 1992, p. 1-133.

BROWMAN, Catherine P.; GOLDSTEIN, Louis. (1989) Articulatory gestures as phonological units. *Phonology Yearbook*, 6. p. 201-251.

CAPOVILLA, Fernando César; RAPHAEL, Walkiria Duarte. **Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngüe da língua de sinais brasileira**. 2.ed. São Paulo: Edusp. 2001. 1620 p.

FELIPE DE SOUZA, Tânia Amara. **A relação sintático-semântica dos verbos e seus argumentos na língua brasileira de sinais (libras)**. 1998. Tese (Doutorado em linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1998.

JOHNSTON, Trevor; SCHEMBRI, Adam. **Australian Sign Language (Auslan):** An introduction to sign language linguistics. Cambridge: Cambridge University Press. 2007. 296 p.

KLIMA, Edward; BELLUGI, Ursula. **The Signs of Language.** Cambridge: Harvard University Press, 1979. 417 p.

LIDDELL, Scott. K.; JOHNSON, Robert. (1989). American Sign Language: The Phonological Base. In: VALLI, C.; LUCAS, C. (org.). **Linguistics of American Sign Language:** an introduction. Washington, D.C.: Clerc Books/Gallaudet University Press. p. 267-306. 2001.

LIDDELL, S. K. **Grammar, gesture, and meaning in American Sign Language.** 1.ed. Cambridge: Cambridge University Press. 2003. 384 p.

MCCLEARY, Leland Emerson; VIOTTI, Evani de Carvalho. Transcrição de dados de uma língua sinalizada: Um estudo piloto de transcrição de narrativas na língua de sinais brasileira (LSB). In: LIMA-SALLES, H. M. M. (Org.). **Bilingüismo dos surdos:** Questões lingüísticas e educacionais. Goiânia, GO: Cãnone Editorial, 2007, v. , p. 73-96.

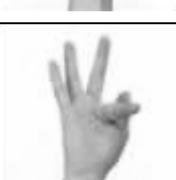
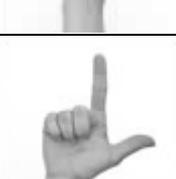
MOREIRA, Renata Lúcia. **Uma Descrição da Dêixis de Pessoa na Língua de Sinais Brasileira (LSB):** Pronomes Pessoais e Verbos Indicadores. 2008. 150f. Dissertação (Mestre) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

PADDEN, Carol A.; GUNSAULS, Darline Clark. (2003). How the Alphabet Came to Be Used in a Sign Language. **Sign Language Studies.** Washington, D.C: Gallaudet University Press, v.4, no.1, p. 10-33.

STOKOE, William C. **Sign Language Structure:** An Outline of the Visual Communication System of the American Deaf. New York: Buffalo University, 1960. 78 p.

XAVIER, André Nogueira. **Descrição fonético-fonológica dos sinais da língua brasileira de sinais (libras).** 2006. 175f. Dissertação (Mestre) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

XAVIER, André Nogueira. Variação fonológica na libras: um estudo-piloto da alternância no número de articuladores manuais envolvidos na produção dos sinais. In: SEMINÁRIO DE TESES EM ANDAMENTO, 16., 2010, Campinas. **Caderno de resumos.** Campinas: Unicamp, 2010. p. 66-7.

Configurações de mão referidas por números ou letras do alfabeto manual citadas ao longo do artigo³⁵			
1		P	
A		R	
A com o polegar distendido		S	
B		T	
F		V	
L			

³⁵ Imagens reproduzidas de LIBRAS - Dicionário da língua brasileira de Sinais. Disponível em <http://www.acessobrasil.org.br/libras/>.